



QUANDO O PRINCIPE ENCANTADO PARTE E O ARMÁRIO NÃO É MAIS UM REFÚGIO: ANÁLISE DA PERDA E DO LUTO NO CONTEXTO DA HOMOAFETIVIDADE

Francisco Francinete Leite Junior¹

Francisco Arrais Nascimento²

RESUMO

Perda e luto se configuram enquanto vivências singulares de caráter subjetivo, que consistem na possibilidade de ressignificação a partir dos processos de elaboração. Em alguns contextos tem seus afetos redimensionados em decorrência das vivências e da fragilidade social em que determinados grupos e minorias se encontram. A pesquisa aqui relatada tomou como foco os contextos de perdas reais e simbólicas e seus processos de elaboração vivenciados por homossexuais masculinos, manifestada na região metropolitana do Cariri cearense dada a condição de estigma social e de marginalização em que tais indivíduos por sua condição sexual estão imersos. Tal pesquisa objetiva discutir as vivência das perdas e lutos no contexto da homoafetividade masculina. Para tanto, se fez uso de levantamento bibliográfico além de um estudo etnográfico com grupo focal composto por homossexuais masculinos nas mais diversas faixas etárias que compartilhavam o sentimento de luto e perda, simbólicas e reais em relação ao(s) parceiro(s). Ao término da análise dos dados se conclui que os homossexuais masculinos da região metropolitana do Cariri têm sua identidade marginalizada em um contexto sócio histórico dado a influência religiosa, heteronormativa e machista vigente em tal espaço geográfico. Ressalta-se o surgimento de discursos que retratam a existência de uma homofobia internalizada, o que acaba por influenciar diretamente nos processos de elaboração das perdas e lutos. Tal condição de exclusão social torna os indivíduos vulneráveis ao desenvolvimento de patologias psicossomáticas associadas ao complexo quadro emocional no qual o indivíduo fica imerso em decorrência de tais fatos.

PALAVRAS-CHAVE: Luto. Perda real e simbólica. Ressignificação.

¹ Graduando em psicologia pela Faculdade de Ciências Aplicadas Doutor Leão Sampaio. E-mail: freud.g@bol.com

² Graduando em Administração pela Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri. E-mail: Junior.arraes@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Questões pertinentes a homoafetividade povoam os debates acerca da sexualidade humana, desde sua conceituação no século XIX, conforme se pode observar nos estudos foucaultianos. O que faz emergir termos e conceitos que tentam definir tal situação, tais como: *nefandum*, sodomita, homossexualismo, homossexualidade, homoerotismo e homoafetividade, onde o último tem sido evidenciado por alargar o conceito, abrangendo não apenas a interação sexual entre indivíduos do mesmo sexo, mas evidenciando todo o contexto afetivo de onde emergem sentimentos, dores, tristezas e angústias, trazendo uma nova faceta ao indivíduo abjeto. Permitindo a esse sujeito sonhos, idealizações e desejos tais como nos contos de fadas.

Segundo Tomaz Tadeu (2000) “em geral, o chamado ‘multiculturalismo’ apóia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença”. Diante disso pensou-se adentrar ao universo das subjetividades, sob a óptica da psicologia e da antropologia acerca da homoafetividade e suas relações com a perda real e simbólica e os processos de elaboração do luto no contexto afetivo de tal grupo.

Objetivamos, portanto discutir as vivência das perdas e lutos no contexto da homoafetividade masculina. Possibilitando um olhar sobre a subjetividade com o intuito de propiciar uma reflexão sobre o contexto analisado.

Assim tal estudo se torna relevante por apresentar não apenas uma discussão acerca de lutos e perdas reais e simbólicas, mas também o contexto concernente a homoafetividade e todo o processo de ressignificação pelo qual tais indivíduos passam.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa aqui retratada inicialmente fez uso de um levantamento bibliográfico sobre assunto em questão. Em um segundo momento, realizou-se uma pesquisa etnográfica com grupo focal composto por homossexuais masculinos nas mais diversas faixas etárias que compartilhavam o sentimento de luto e perda, simbólica e real em relação ao(s) parceiro(s), com objetivo de estabelecer uma compreensão sobre as vivências da perda e do luto real e simbólico vivenciado por tais indivíduos. Tais sujeitos que compunham o grupo focal foram selecionados de forma aleatória e por conveniência. A mesma constituiu-se no espaço amostral delimitado como região metropolitana do Cariri cearense.

Por tanto a pesquisa se apresenta como qualitativa de caráter descritiva e exploratória com o intuito de possibilitar uma discussão acerca da vivência subjetiva das perdas e lutos reais e simbólicos por tais indivíduos.

3 RESULTADOS DE DISCUSSÃO

3.1 O ARMÁRIO

Ao pensar no passado, trago de volta a dor de ter sido uma criança e um adolescente diferente da maioria dos meninos da minha idade. Talvez para aliviar o sofrimento, a nossa memória quase sempre desbota, empalideça ou tinja de cores diferentes o que de ruim experimentamos em nossos verdes anos. (WYLLYS, 2009, p. 13)

A sexualidade é tida por muitos como um atributo comum a homens e mulheres e que a possuímos “naturalmente”. Tal conceituação comumente se embasa no corpo (sexo biológico) e na crença de que todos vivenciam seus corpos da mesma forma. No entanto, entendemos sexualidade como um conjunto de processos culturais e plurais que envolvem rituais, linguagens, fantasias, representações e símbolos e, portanto frutos de uma construção social.

Segundo Foucault (1988) a sexualidade é um “dispositivo histórico”. Uma vez que a sexualidade é um construto histórico-social a mesma está submetida a múltiplos discursos sobre a manifestação e regulação da mesma. Discursos esses que regulam, normatizam, instauram prazeres e produzem “verdades”. A definição de dispositivo sugere a direção e a abrangência dos meios de “vigia” e “coerção” social.

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (...) o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 1993, p. 244).

Em análise histórico cultural da sexualidade se pode observar que apartir do século XIX, a sexualidade antes tida como “pecado” no caso da óptica religiosa ou mesmo de crime *nefandum* em tempos anteriores a colonização ou mesmo durante a mesma, é “táxonimizada” tornando patológico todo o comportamento que não se adéqüe aos padrões heteronormativos vigentes. Tal ação foi embasada pela Organização Mundial de Saúde que no século XIX inclui a homossexualidade na categoria de

parafilias. Desde então o padrão coloca a margem todas as manifestações sexuais de cunho desviante e pune as mesmas com a criação do manicômio e de outros fatores de coerção social que predominaram até o século XX, quando na década de 1970 é eliminada da ordem da parafilias pela *American Psychiatric Association* e em 1980 removida do DSM. Em tempos hodiernos apesar de toda uma evolução no contexto das sexualidades e de suas compreensões ainda vigoram padrões heteronormativos que ecoam nos hábitos culturais da sociedade principalmente em contextos religiosos onde ainda se adotam padrões sexuais onde a mesma só é permitida para fins reprodutivos.

Depois de uma minuciosa e continua engenharia social para produzir corpos sexuados que tenham na heterossexualidade a única possibilidade humana de viver a sexualidade, como se pode continuar atribuindo à natureza a responsabilidade daquilo que é resultado de tecnologias gerenciadas e produzidas pelas instituições sociais... (BENTO, 2008. p. 34)

O armário surge como alegoria à situação de clausura social em que se encontram os indivíduos praticantes de modalidades alternativas de sexualidade, pois em uma sociedade excludente em que a norma heteronormativa marginaliza tais praticas os indivíduos que a pratica se torna alvo dos mecanismos de coerção social que existem com o objetivo de padronizar e tornar o individuo adequado a norma social vigente. Dessa forma os praticantes de sexualidades desviantes tornam-se marginais em uma sociedade excludente que os força a criar personagens para sobreviver dentre os “normais”, personagens esses que em muitos casos sufocam, reprimem e agridem psicologicamente o individuo.

3.2 SAIR DO ARMÁRIO OU *OUTING*

Segundo Richelle Klinger e Robert Cabaj, “sair do armário é um processo pelo qual um indivíduo reconhece sua orientação sexual em face do estigma social e, com a resolução bem-sucedida, aceita a si próprio”.

O sucesso em “sair do armário” exige que o indivíduo aceite sua orientação sexual e a integre em todas as esferas (p. ex., social, vocacional e familiar). Outra questão que os indivíduos e casais devem enfrentar em algum momento é o grau de revelação da sua orientação sexual para o mundo. Algum nível de revelação é necessário para o sucesso desta iniciativa. (SADOCK, 2008, p.746)

Tal episódio marca uma transição e estabelece o reconhecimento de si próprio, numa construção processual que envolve uma série de lutos a serem vivenciados. O sujeito passa a ser visto de outra forma, em que o aconchego do lar e a valorização plena do “bom filho” por parte da família dão espaço a toda a carga pejorativa do termo homossexual. Assim, devido a heteronormatividade que o delega estigmas e preconceitos têm-se uma série de empecilhos para a não aceitação de si próprio e a permanência deste no armário.

Pesquisadores que se dedicam aos estudos da homoafetividade colocam o “sair do armário” como um dos momentos cruciais no desenvolvimento da identidade homoafetiva, sendo o ponto culminante de sua autoafirmação onde o indivíduo se sente seguro suficiente para manifestar em seu meio social, seja ele o núcleo familiar, círculo de amigos ou mesmo em seu ambiente de trabalho. Tal contexto exprime o ponto de aceitação da identidade pelo indivíduo, que se coloca de forma segura diante da sociedade ação essa que pode gerar toda uma série de complicações sociais uma vez que a norma vigente manifesta-se como heteronormativa e a identidade nos corpos abjetos é tatuada a partir da violência gerada no contexto de confronto social gerado pela marginalização e segregação sofrido por aqueles que desviam da norma.

3.3 ENTRE A REALIDADE E A FANTASIA: SURGE O PRINCIPE ENCANTADO

Como essa noite findará
E o sol então rebrilhará
Estou pensando em você
Onde estará meu amor
Será que vela, como eu.
Será que chama, como eu.
Será que pergunta por mim
Onde estará meu amor
Se a voz da noite responder
Onde estou eu onde esta você
Estamos cá dentro de nós SOS
Onde estará meu amor

(Maria Bethânia, Onde andaré o meu a mor, 2004)

Ao se pensar no processo de amadurecimento do desejo, na formação da identidade e na constituição dos afetos, tem-se a compreensão de que o sujeito perpassa por um arsenal de vivências que o fazem acreditar na real possibilidade de vivenciar um

grande amor, fortalecendo-o para a saída do armário. Tal amor é visto por Bauman (2004) como sendo:

[...] a vontade de cuidar, e de preservar o objeto cuidado. Um impulso centrífugo, ao contrário do centrípeto desejo. Um impulso de expandir-se, ir além, alcançar o que está lá fora. Ingerir, absorver e assimilar o sujeito no objeto, e não vice-versa, como no caso do desejo. Amar é contribuir para o mundo, cada contribuição sendo um traço vivo do eu que ama. No amor o eu é, pedaço por pedaço, transplantado para o mundo. *O eu que ama se expande doando-se ao objeto amado.* (BAUMAN, 2004, P.24)

Dessa maneira, a relação entre o sujeito e o outro se torna algo que transita entre a realidade e a fantasia, possibilitando um processo de idealização. Acreditando ser possível vivenciar um verdadeiro conto de fadas com direito a um final feliz. No contexto homoafetivo não seria diferente, o que acaba por favorecer a crença do príncipe como ser ideal. Tal idealização em torno da figura do sujeito que o completa, é colocado na esfera de contos de fadas, de perfeita completude, do eu ideal e da busca do outro no sentido de completar-se. Em que não existem defeitos e o ser escolhido é plena perfeição. Tal idealização torna-se um ambiente propício para o surgimento da figura do “príncipe”, que emerge de um contexto de sofrimento e comumente é colocado como aquele de irá redimir, avivar e aliviar o sofrimento gerado pela solidão, estigma e inaceitação do indivíduo praticante de tal modalidade de sexualidade.

Porém, na sociedade hodierna a globalização afetou de forma profunda e irreversível o campo dos afetos, fazendo com que os sujeitos colocassem o tempo de forma volátil dado à emergência das relações. Evidenciando assim o caráter de liquidez proposto por Bauman (2004). Tal liquidez que é compreendida como fator da atualidade adentra ao universo do tempo e das relações, fazendo-nos perceber que “o pra sempre, sempre acaba”. Gerando angústia e sofrimento atrelado a um sentimento de solidão e vazio para o sujeito que perde.

Estas perdas, que se iniciam no homossexual desde muito cedo é também constituinte de seu processo de desenvolvimento. Assim, temos a compreensão que a identidade homossexual é constituída com base em um conjunto de crenças e valores sociais assim como as demais identidades. Tal identidade, segundo Borges (2009) está intimamente relacionada com o chamado “assumir-se”, o que é popularmente chamado de “sair do armário”. Coher e Stein apud Borges (2009) definem tal contexto como referente ao processo de consciência e reconhecimento por parte do próprio indivíduo. Cass apud Borges (2009) trazem tal pensamento com base em um modelo de formação

da identidade baseado em estágios que tem sido utilizado amplamente por psicólogos afirmativos. Sinteticamente podem ser apresentados como sendo de início a Confusão de identidade, que se mostra enquanto o momento em que o indivíduo reconhece pensamentos e comportamentos homossexuais e não os aceita; em seguida tem-se a comparação de identidade, em que o mesmo começa a aceitar a idéia, mas não se considera como pertencente a tal minoria. Já a tolerância de identidade, é o terceiro estágio, em que o sujeito aceita que provavelmente pode ser e se identifica como tal, no entanto o receio de ser estigmatizado pela sociedade e o medo da inaceitação social, o coloca em uma condição delicada onde a culpa, valores morais e religiosos internalizados emergem em seu cotidiano promovendo angustias e sofrimento psíquico ao indivíduo que se refugia em personagens criados com o objetivo de desviar das punições impostas pela sociedade heteronormativa. No quarto estágio tem-se a Aceitação da identidade, que pode ser classificada enquanto início da adolescência *gay*, em que aceita e não apenas tolera e já se sente parte da comunidade LGBT. O quinto estágio é o orgulho da identidade é tida como a fase da adolescência *gay*, em que o sujeito imerge na cultura *gay* e começa a confrontar os heterossexuais como forma de defesa e em reação ao contexto de marginalização e exclusão social vivenciado por tal minoria. Por fim tem-se o sexto estágio que denomina-se a síntese de identidade, nesse estágio não necessita mais de dividir o mundo em *gay* e não-*gays*, entendendo que a identidade sexual não é um fator primordial nas relações sociais estabelecidas. (Borges, 2009)

Nessa trajetória a presença dos “príncipes encantados” é constante, promovendo um processo cíclico e contínuo de apaixonar-se de desapaixonar-se, permeado por processos de lutos.

3.4 O PRINCIPE ENCANTADO SE TRANSFORMA EM SAPO OU BUSCA UMA NOVA HISTORIA

Comumente espera-se que no decorrer, ou no final de cada conto de fadas a presença de um “felizes para sempre”. No entanto, a realidade limita e reconfigura tal desfecho, onde é constante o desencanto, em que o conto perde a sua “magia”. Fazendo-nos perceber que quando não se vive para sempre, é como se a vida real se apresentasse de forma diferenciada, impossibilitando a tão sonhada felicidade, em que se podem vivenciar histórias não tão felizes ou mesmo buscar outra história.

È reconhecido o sofrimento de perceber que a idéia projetada, do príncipe se desconstrói. Deixando emergir o príncipe com falhas desconstruindo o ideal projetado. Fazendo-se deparar-se com a transformação em “sapo”. Configurando-se em perdas subjetivas, que seria quando o parceiro vai embora ou o desgaste do relacionamento ou a perda física quando o parceiro morre.

Assim, a perda pode ser considerada como uma das situações mais delicadas da vida do sujeito, que necessita de atenção, por carregar tal sofrimento psíquico. A perda, que não importa a dimensão, tem um caráter subjetivo que estabelece uma dor não situada corporalmente, mas profundamente sentida e elaborada de acordo com as vivências anteriores do sujeito. Fazendo-nos perceber a esfera da resiliência ou da entrega total ao sofrimento, sendo ambas necessárias para o desenvolvimento do indivíduo. Tal perda ocorre de formas variadas, cada uma produzindo efeitos diferenciados, correspondente da capacidade de cada indivíduo.

Na busca da definição de perda, temos Ferreira que diz: “*ato ou efeito de perder, falecimento, esquecimento, extravio, sumiço e destruição.*” (FERREIRA, 2000). Entendemos a perda como sendo a ausência de algo. Isso gera desamparo despertando o medo de perder, este temor é comumente percebido na sociedade atual, em que não estamos adaptados a perder pois vivenciamos a sociedade do acúmulo o que acaba por gerar um sofrimento demasiado.

3.5 OS PROCESSOS DE ELABORAÇÃO DO LUTO E AS POSSIBILIDADES DE VIVER OUTRO CONTO DE FADAS

Ao pensarmos que “Não é só a pessoa que morre que é perdida, mas todo o universo interno de quem ficou é destruído” (Simon, 1986, p. 82). Compreender a dor provocada e as lágrimas choradas, é algo não mensurado por um leigo, o que exige a vivência real ou uma sensibilidade extrema. Para tanto, faz-se necessário compreender também o processo de elaboração do luto que segundo Bowlby (2004) é tão traumática a nível psicológico, quanto um ferimento ou uma queimadura grave são traumáticos a nível fisiológico. Ambos implicam sofrimento e redução da capacidade funcional que pode durar dias, semanas ou meses. Assim como ocorre no processo de cura física, o processo de luto pode levar ao restabelecimento da função – no caso, a capacidade de estabelecer e manter relações de amor – ou pode seguir um curso que enfraquece tal função.

Ainda segundo Bowlby (2004), os enlutados passam por fases sucessivas ao longo de seu processo de luto. A primeira é a fase de entorpecimento. Neste período ocorre choque, entorpecimento e descrença. A pessoa se sente atordoada, perdida, desamparada. Um mecanismo de defesa que pode ser observado nessa fase é a negação da perda. Outra forma de defesa é a tentativa de automaticamente continuar a viver, como se nada tivesse acontecido. A segunda fase é a de anseio e busca da figura perdida. Esse momento é caracterizado por emoções fortes, com muito sofrimento psicológico e agitação física. É comum que o enlutado interprete sons ou cheiros como se o morto tivesse retornado. Crises de choro são frequentes nesta fase. Também é comum que o enlutado sinta muita raiva, que pode ser dirigida contra si, contra outras pessoas, ou mesmo contra o morto. A terceira fase é a de desorganização e desespero em que reconhece a irreversibilidade da perda. Em geral, torna-se apático e depressivo. O processo de superação dessa fase é lento e doloroso. A quarta e última fase proposta é a de reorganização. Com o tempo, vai retomando sua independência e, apesar de ainda apresentar instabilidade nos relacionamentos sociais, torna-se receptivo a conhecer novas pessoas ou a reatar antigos laços afetivos. Vale salientar que a elaboração do luto é um processo e como tal essas fases não são dissociadas. Na verdade, muitas vezes seus limites não estão tão nítidos como o exposto acima.

Nessa perspectiva Kübler-Ross (2008) caracteriza cinco estágios: o primeiro é a Negação e o Isolamento que se apresentam enquanto mecanismos de defesas temporários do Ego contra a dor psíquica diante da morte. A intensidade e duração desses mecanismos de defesa dependem de como a própria pessoa que sofre e as outras pessoas ao seu redor são capazes de lidar com essa dor. Em geral, a Negação e o Isolamento não persistem por muito tempo.

O segundo estágio traz a Raiva que surge devido à impossibilidade do Ego manter a Negação e o Isolamento. Os relacionamentos se tornam problemáticos e todo o ambiente é hostilizado. Junto com a raiva, também surgem sentimentos de revolta, inveja e ressentimento.

O terceiro traz a Barganha que acontece após a pessoa ter deixado de lado a Negação e o Isolamento, “percebendo” que a raiva também não resolveu. A maioria dessas barganhas é feita com Deus e, normalmente, mantidas em segredo.

O quarto estágio traz a Depressão que aparece quando o paciente toma consciência de sua debilidade física, quando já não consegue negar suas condições de doente, quando as perspectivas da morte são claramente sentidas. Evidentemente, trata-

se de uma atitude evolutiva; negar não adiantou agredir e se revoltar também não, fazer barganhas não resolveu. Surge então um sentimento de grande perda.

Por fim tem-se a Aceitação, é nesse estágio o paciente já não experimenta o desespero e nem nega sua realidade. Esse é um momento de repouso e serenidade antes da morte. É claro que interessa que o paciente alcance esse estágio de aceitação em paz, com dignidade e bem estar emocional. Assim ocorrendo, o processo até a morte pôde ser experimentado em clima de serenidade por parte do sujeito e, pelo lado dos que ficam de conforto, compreensão e colaboração para com o indivíduo.

Diante desses estágios tem-se a compreensão da necessidade de vivenciá-los, pois um processo de elaboração bem experienciado possibilita o sujeito fortalecer-se para enfrentamento de crises e perdas futuras. Exercitando a capacidade de Ressignificação, ou seja, de dar novos significados as coisas, abrindo assim a possibilidade para vivenciar novas uma estórias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se ao termino de tal pesquisa que a presença do “príncipe encantado” configura-se como peça fundamental do processo de amadurecimento do indivíduo praticante de modalidade alternativa de sexualidade. O contexto vigente onde a norma configura-se como heteronormativa torna esses indivíduos como abjetos, marginalizando e excluindo os mesmos, que se refugiam na fantasia como forma de resistir à clausura de seus “armários” onde foram colocados pela sociedade em virtude de suas orientações sexuais.

A figura idealizada do príncipe se torna diferenciada dada a interferência da realidade que limita a manifestação da idealização, onde o príncipe que detém características que não se aplicam ao ser real com quem o vínculo se desenvolve o que o transforma em “sapo” impossibilitando a continuidade de tal idealização. Sob outro aspecto o relacionamento pode ser finalizado com a ausência de uma das partes seja por meio do termino do relacionamento ou mesmo pela morte de um dos envolvidos onde a idealização cessa e o indivíduo é levado a vivenciar um processo de elaboração das perdas e do luto, buscando assim, uma ressignificação do fato com o objetivo de uma possível nova vivência.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt, 1925 - **Amor líquido: sobre as fragilidade dos laços humanos.** Tradução Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Zahar,2004.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é a transexualidade.** Editora Brasiliense, São Paulo - SP, 2008.

BORGES, Klecius. **Psicologia Afirmativa: uma introdução à psicologia e a psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais,** São Paulo, GLS, 2009.

BOWLBY, J. **Apego e perda: perda: tristeza e depressão,** volume 3 da trilogia. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer.** 9ª edição. Martins Fontes, São Paulo,2008.

SADOCK, Benjamin James. **Manual conciso de psiquiatria clínica;** tradução Cristina Monteiro. – 2. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

SILVA; Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença.** Editora Vozes, Petropolis-RJ,2000.

SIMON, R. **Introdução à psicanálise:** Melanie Klein. São Paulo: EPU, 1986.

WYLLYS, Jean. **Tudo ao mesmo tempo agora: crônicas e perturbações.** 1ª Ed. São Paulo Editor Giontri, São Paulo:2009.